Tum, Tum, Tum! O Tambor que Acordou a Vila



Na Vila das Mangueiras, as manhãs começavam sempre do mesmo jeito.

O galo cantava:

— Cocoricóóó!

Dona Rosa abria as janelas.

Seu Antônio varria a calçada.

E o pequeno Téo corria pelo quintal, procurando alguma novidade.

Téo era um menino negro de seis anos, com olhos brilhantes, cabelos cheios de cachinhos e uma curiosidade que não cabia dentro dos bolsos.

Ele gostava de fazer perguntas.

Muitas perguntas.

Perguntava por que as formigas andavam em fila, por que a lua aparecia de dia e como o vento conseguia balançar as árvores sem ter mãos.

Mas havia uma coisa que Téo amava ainda mais do que fazer perguntas.

Era fazer música!

Ele transformava tudo em instrumento.

Duas colheres viravam baquetas.

Uma caixa vazia virava tambor.

E a tampa da panela…

— PÁÁÁ!

— Téo! — chamava a mamãe. — A panela não precisa participar de todas as músicas!

O menino ria.

— Mas ela canta tão alto, mamãe!

Certa manhã, enquanto procurava uma bola que havia desaparecido misteriosamente, Téo encontrou algo escondido debaixo de um pano, no quartinho do avô.

Era um tambor!

Tinha o corpo de madeira escura, desenhos coloridos e uma superfície bem esticadinha.

Téo chegou pertinho.

— Uau! Que tambor bonito!

Passou a mão sobre a madeira e descobriu pequenos desenhos de folhas, estrelas e caminhos.

Então, sem resistir, deu uma batidinha.

TUM!

O menino sorriu.

Bateu outra vez.

TUM! TUM!

De repente…

— CÓÓÓÓ!

A galinha Maricota saiu correndo do galinheiro.

O gato Mingau pulou de dentro de uma cesta.

E o avô apareceu à porta.

— Ora, ora! Parece que alguém encontrou meu velho tambor!

Téo virou-se, assustado.

— Vovô! Ele acordou a Maricota!

O avô deu uma gargalhada.

— Esse tambor sempre gostou de reunir companhia!

Téo abraçou o instrumento.

— Ele é mágico?

O avô coçou o queixo, fingindo pensar.

— Bem… depende do que você chama de magia.

— Ele faz aparecer alguma coisa?

— Faz.

Os olhos de Téo ficaram enormes.

— O quê?

— Você vai descobrir!

O avô se sentou num banquinho e contou que aquele tambor havia sido feito muitos anos antes por um artesão da comunidade, inspirado em tradições de percussão afro-brasileiras.

Explicou que, em diferentes culturas africanas e afro-brasileiras, os tambores participam de músicas, festas, celebrações e outras tradições.

— E cada instrumento tem seu jeito próprio de falar pela música — completou.

Téo ficou pensativo.

— Então esse tambor tem uma voz?

— Tem, sim. Quer conhecer?

O avô começou a tocar.

TUM… tum-tum… TUM!

O menino acompanhou com as palmas.

PÁ! PÁ! PÁ!

O avô mudou o ritmo.

Tum-tum-tum… TUM!

Téo tentou imitar.

Mas suas mãos se atrapalharam.

— Ai! Não consigo!

— Consegue, sim. Primeiro, precisamos escutar.

O menino ficou quietinho.

Pela primeira vez naquela manhã, não fez nenhuma pergunta.

Só ouviu.

O tambor parecia conversar com o vento.

As folhas da mangueira balançavam suavemente.

Até que Téo conseguiu acompanhar.

— Vovô! Aprendi!

O avô sorriu.

— Viu só?

Naquele instante, surgiu uma ideia.

Uma ideia tão grande que Téo precisou ficar na ponta dos pés para anunciá-la.

— Vovô, vamos fazer uma festa para a vila inteira!

— Uma festa?

— Sim! Uma festa dos tambores!

O avô olhou para o céu.

— Mas hoje é sábado. Precisamos organizar tudo primeiro.

Téo já estava correndo.

— Eu organizo!

E saiu pelo portão antes que o avô terminasse a frase.

Primeiro, encontrou sua amiga Nina.

— Nina! Vamos fazer uma festa!

— Vai ter bolo?

— Não sei!

— Então precisamos perguntar para a sua avó!

Depois, encontrou Bento brincando de carrinho.

— Bento, você sabe tocar algum instrumento?

— Sei tocar campainha!

— Campainha não vale!

— Por quê?

Téo pensou.

— Pensando bem… talvez valha!

Em pouco tempo, as crianças estavam reunidas debaixo da mangueira.

Direito
de Família

Nina trouxe um chocalho.

Bento apareceu com duas tampinhas de panela, depois de pedir autorização à mãe.

Luana trouxe um pequeno pandeiro.

E Miguel apareceu carregando uma caixa de papelão.

— Esse é meu supertambor! — anunciou.

Quando todos começaram a tocar…

Que confusão!

TUM! CLÁ! CHÁ-CHÁ! PÁ! TUM!

A galinha Maricota correu para dentro do galinheiro.

Mingau se escondeu atrás de um vaso.

E dona Rosa apareceu na janela.

— Minha nossa! A vila está desmoronando?

As crianças pararam.

Direito
de Família

Téo abaixou a cabeça.

— Acho que nossa festa ficou barulhenta demais.

Foi quando o avô chegou, trazendo o velho tambor.

— Uma boa festa precisa de música. E uma boa música precisa que a gente escute os companheiros.

Ele convidou todos a fazer uma roda.

— Primeiro, vamos ouvir o ritmo.

Tocou devagar.

Tum… tum… tum-tum!

As crianças escutaram.

Depois, Nina acompanhou com o chocalho.

Chá… chá…

Luana entrou com o pandeiro.

Plim… plim…

Miguel acrescentou duas batidas na caixa.

Tum-tum!

Bento ficou responsável por tocar suas tampinhas somente no final de cada sequência.

Clim!

Aos poucos, os sons começaram a se encontrar.

Já não pareciam uma confusão.

Pareciam uma música de verdade!

Dona Rosa abriu novamente a janela.

Mas dessa vez não reclamou.

Começou a acompanhar com palmas.

Seu Antônio deixou a vassoura encostada no muro.

A vovó apareceu com uma bandeja de bolinhos.

E algumas famílias se aproximaram para ouvir.

A música continuou.

As crianças cantavam, batiam palmas e sorriam.

Direito
de Família

Até a galinha Maricota resolveu sair do galinheiro.

Caminhou até a roda, esticou o pescoço e soltou:

— COCORICÓÓÓ!

Todo mundo caiu na gargalhada.

— Vovô! — gritou Téo. — A Maricota também quer cantar!

— Então precisamos encontrar um espaço para a voz dela!

O menino olhou ao redor.

A vila estava cheia de gente.

Alguns dançavam.

Outros cantavam.

E muitos simplesmente apreciavam o ritmo.

De repente, Téo se lembrou da conversa daquela manhã.

Correu até o avô.

— Vovô! Descobri a magia do tambor!

— Descobriu?

— Descobri!

— Então me conte.

Téo abriu os braços, apontando para a roda.

— Ele fez aparecer todo mundo!

O avô sorriu.

— Ah, meu menino… essa é uma das coisas mais bonitas que a música pode fazer: reunir pessoas.

O sol começou a descer.

A tarde ficou dourada.

E a Vila das Mangueiras ganhou uma tradição.

Uma vez por mês, as famílias se encontrariam debaixo da grande árvore para cantar, tocar instrumentos e compartilhar

histórias

.

Livros
História

Mas naquela noite, quando Téo já estava deitado, ouviu uma batidinha muito baixinha.

Tum… tum…

Sentou-se na cama.

Olhou para a janela.

— Vovô?

Ninguém respondeu.

Outra batidinha.

Tum... tum-tum...

Téo caminhou até a porta do quarto.

Foi então que descobriu o responsável pelo barulho.

Era Mingau!

O gato estava brincando com uma bolinha que batia, de vez em quando, na caixa de papelão deixada no corredor.

Tum!

Mingau olhou para Téo.

— Miau!

O menino começou a rir.

— Ah, Mingau! Você também quer participar da nossa banda?

O gato deu uma última patadinha.

Tum!

Téo pegou o bichano no colo.

— Tudo bem. Mas agora precisamos dormir!

E naquela noite, enquanto a vila descansava, o pequeno Téo sonhou com uma grande roda de música.

Havia tambores, chocalhos, pandeiros, palmas...

E, bem no meio de todos os músicos, uma galinha usando um chapéu vermelho.

Cantando mais alto que todo mundo:

— COCORICÓÓÓ!

Fim.

Perguntas sobre a história

Depois da leitura, converse com as crianças sobre os personagens e os acontecimentos da aventura.

1. Como se chamava o menino que adorava fazer música?
2. O que Téo encontrou no quartinho do avô?
3. O que aconteceu quando ele começou a tocar o tambor?
4. Quais instrumentos e objetos as crianças levaram para a festa?
5. Por que a música ficou confusa quando todos tocaram ao mesmo tempo?
6. O que o avô ensinou sobre escutar os companheiros?
7. Qual foi a magia que Téo descobriu no tambor?

Para imaginar: Se você participasse da festa da Vila das Mangueiras, qual instrumento gostaria de tocar?